

PAULO MALÓ e NANCY DEWITTE vivem um Natal baseado na reunião familiar

“Para mim, o Natal não é uma festa religiosa, é um pretexto para juntar toda a família,, Paulo Maló

O médico dentista e a mulher, de nacionalidade belga, estão juntos há 16 anos e têm uma filha, RAQUEL, de 4 anos

Chamam-lhe o “dentista milionário”, mas Paulo Maló encolhe os ombros. Contudo, revela que fatura cerca de 100 milhões de euros por ano. Fruto de um império que começou a desenhar-se em 1992 e que hoje é feito de clínicas dentárias espalhadas um pouco por todo o mundo. A sua história de vida começa em Angola, onde nasceu, filho de um agricultor e de uma professora. Raízes que hoje fazem dele – também – produtor de vinho e criador de gado. Se não fosse a revolução de abril de 1974, teria sido engenheiro agrónomo ou veterinário. Mas também quis ser biólogo marinho, por causa do explorador Jacques Cousteau, e estudou Física Nuclear, porque queria trabalhar na NASA. Na África do Sul, onde viveu e estudou, interessou-se pela neurocirurgia. Porém, a influência de um tio dentista levou-o para a medicina dentária. Hoje é o rosto das clínicas Maló e quase toda gente, em Portugal e no estrangeiro, já, pelo menos, ouviu falar dele e das suas

técnicas de implantologia dentária. Na vida pessoal, quando tirou um curso na Bélgica, apaixonou-se pela sua professora de implantologia. Estão juntos há 16 anos. O sonho deste médico era ter 10 filhos, mas tem apenas Raquel, de 4 anos. Uma menina “alegre e perspicaz” que, às vezes, lhe causa alguns embaraços. Nesta época natalícia, o médico/empresário mostra o seu lado menos conhecido e recorda um Natal “mais selvagem”, vivido no calor de Angola e da África do Sul.

Lux – Como é que um médico se dedica à criação de gado e à produção de vinho?

Paulo Maló – Atendendo às minhas raízes, não é estranho. Eu devia ser agricultor e criador de gado, porque cresci numa fazenda, à volta de vacas e de melões. Se a minha família não tivesse sido obrigada a sair de Angola, depois do 25 de abril de 1974, de certeza que hoje eu não seria médico. Seria engenheiro agrónomo ou veterinário.

Lux – Mas também sonhou ser biólogo marinho...

P.M. – Saí de Angola com 13 anos

Paulo Maló, de 49 anos, e Nancy Dewitte, de 44, conheceram-se na Bélgica e estão unidos pela vida e pela profissão, uma vez que trabalham na mesma área







A Maló Clinic encontra-se em mais de 10 países e divide-se em várias áreas: implantologia dentária, spa médico, formação de profissionais de saúde oral, estética e cosmética, entre outras

“Não associo o nome Maló a mim. A dimensão da clínica permitiu-lhe ganhar identidade própria,,

e fui para a África do Sul. Nessa época vivia-se a era das viagens à Lua e da exploração marítima com o Jacques Cousteau. A África do Sul é um país virado para a Natureza e eu vinha com essa filosofia de Angola. Entusiasmou-me a ideia de poder estar ligado às explorações marítimas e fazer viagens pelo mundo. Achei que a Biologia Marinha era o meu caminho, mas não acabei o curso, porque a possibilidade de viajar e de fazer exploração era remota.

Lux – Que recordações tem de Angola e da África do Sul?

P.M. – Só tenho boas memórias. Sou capaz de desenhar a minha cidade, a minha rua... Quase consigo sentir o cheiro das coisas. Vivi intensamente esse tempo. Brincava na rua com os cães, pescava, apanhava cobras... Ao fim de semana ia para a fazenda e ajudava o meu pai nos trabalhos agrícolas. Com 11 anos já conduzia camiões e

alimentava o gado. Na África do Sul fazia pesca submarina, apanhava lagostas, pescava trutas no rio, acampava, fui nadador-salvador... Mas a vida em Angola era mais “selvagem”, digamos assim.

Lux – Foi na Cidade do Cabo que decidiu ser médico.

P.M. – Antes, fui influenciado por um professor a tirar Física Nuclear para ir trabalhar na NASA. Inscrevi-me no curso mas, entretanto, decidi ser médico na área da cirurgia neurológica com o objetivo de me dedicar aos paraplégicos.

Lux – Como é que se tornou médico dentista?

P.M. – As coisas complicaram-se por causa do Apartheid e os meus pais saíram do país. Viemos para Coimbra, onde vivia um tio meu, e fui estudar com a intenção de seguir neurocirurgia. Mas esse meu tio, que era dentista, influenciou-me a seguir medicina dentária. Ele tinha uma clínica e, para mim, seria um

percurso mais óbvio e mais simples. Não me via como dentista mas, com o tempo, comecei a interessar-me pelo assunto.

Lux – E em 1995 nasce este seu império...

P.M. – Na realidade, foi em 1992 que comecei a desenvolver novas técnicas, mas, de facto, foi em 1995 que começou a expansão da empresa. Foi nessa altura que começámos a recolher os frutos da inovação do nosso trabalho, nomeadamente, os implantes dentários. Tornámo-nos a maior clínica de implantologia dentária no mundo, em 1998, e, em 2007, começámos a alargar os nossos horizontes para outros países.

Lux – Atualmente, o nome Paulo Maló é quase uma marca!

P.M. – A clínica é uma marca reconhecida internacionalmente. A Maló Clinic não tem nada a ver com o Paulo Maló. Na minha mente, isso está dissociado. O nome Maló



“A Raquel dá-me prazer na vida. Gosto de a observar, de ver o seu crescimento,,

Paulo Maló reconhece que, devido às constantes viagens que a sua vida exige, a família ressent-se das suas ausências. Diz que são os sacrifícios inerentes ao seu projeto profissional



é da clínica, não o associo a mim. A dimensão da clínica permitiu-lhe ganhar identidade própria. Neste grupo, em todo o mundo, trabalham mais de duas mil pessoas. Na área da saúde, a Maló Clinic é a empresa portuguesa mais conhecida no planeta. Não há nenhum dentista no mundo que não nos conheça. Pode dizer mal ou bem, mas conhece ou, pelo menos, já ouviu falar.

Lux – Chamam-lhe “o dentista milionário”. Como é que reage?

P.M. – Não reajo...

Lux – Quanto é que fatura por ano?

P.M. – Talvez uns 100 milhões de euros... Mas há muito investimento envolvido num negócio desta natureza.

Lux – Há quem diga que o Paulo é um produto de marketing...

P.M. – São ataques ridículos. Há sempre quem tenha dificuldade em digerir o sucesso dos outros. Uma pessoa bem-sucedida gera

sempre vários tipos de sentimentos: há os que têm inveja, os que idolatram, os que mostram orgulho e os que ficam indiferentes. É assim em qualquer lugar. Temos de viver com isso.

Lux – Imagino que viaje muito. Como é que fica a família?

P.M. – Queixa-se, claro. Tudo na vida tem um custo. Há alturas em que vejo a minha mulher e a minha filha uma vez por semana. Por enquanto, tem de ser assim. Um projeto como este exige sacrifícios. Quando eu morrer, deixo um legado muito importante.

Lux – Como conheceu a Nancy?

P.M. – Fui fazer um curso de implantes dentários na Bélgica. Era ela que estava a organizar o curso e foi minha professora. Conhecemo-nos, começámos a falar e uma coisa levou à outra. Estamos juntos há 16 anos.

Lux – E têm uma filha...

P.M. – Se soubesse que era tão





“A minha mulher foi minha professora. Começámos a falar e uma coisa levou à outra,,

“Quando eu morrer, deixo um legado muito importante,,

No Natal, Paulo Maló não dispensa bacalhau com grão e batata-doce, e peru, e não abdica de ter a família toda reunida



bom, tinha sido pai mais cedo. O meu sonho era ter uns 10 filhos. Adoro falar e brincar com ela. É uma miúda extremamente alegre, com uma energia enorme e muito perspicaz. Temos uma boa química juntos. A Raquel dá-me prazer na vida, gosto de a apreciar, de a observar, de ver o seu crescimento, as mudanças... É um prazer ver um filho, é como se fosse uma continuação nossa.

Lux – Como é que é o vosso Natal?

P.M. – Sempre com uma grande árvore de Natal, com muitas luzes e cheia de bolas, que têm 40 anos de idade e vêm dos meus Natais de Angola. Fazer a árvore é um ritual muito divertido. De resto, a quadra é passada em família e nunca faltam o bacalhau com grão e batata-doce e o peru. Para mim, o Natal não é uma festa religiosa, é um pretexto para juntar a família.

Lux – Como é que era passado em Angola e na África do Sul?

P.M. – Em Angola, tinha sempre um pinheiro gigante e em casa da minha avó havia sempre um presépio enorme. Lembro-me de que a minha mãe punha um spray branco na árvore de Natal para imitar neve. Mas não fazia sentido, porque o Natal da minha infância era com calor, andava descalço, ia para a praia...

Lux – A Raquel já reage ao Natal?

P.M. – Já diz que não gosta deste ou daquele presente, portanto, diria que sim, reage.

Lux – Essa frontalidade deve ser desconcertante...

P.M. – Por vezes, deixa-me envergonhado, até. As crianças são assim. A Raquel, às vezes, tem coisas que podem ser embaraçosas. Uma vez, viu uma senhora chinesa e começou a esticar os olhos à frente dela; outra vez, num restaurante, estava um senhor anão e ela começou a dizer que era mais alta do que ele. São situações divertidas, mas difíceis.

Lux – O Paulo é português ou africano?

P.M. – Sou angolano com passaporte de Portugal, de São Tomé e Príncipe e de Angola.

Lux – E interiormente, qual é a sua nacionalidade?

P.M. – Africano com uma forte influência portuguesa. ■



“Em Angola, tinha um pinheiro gigante e havia sempre um presépio enorme,,



DENTISTA MILIONÁRIO
A HISTÓRIA DE SUCESSO
DE PAULO MALÓ

